

BENEDICTUS DE SPINOZA: UM ESTUDO SOBRE A ÉTICA DOS AFETOS

Maria Eduarda Ferreira Tito¹

Wandeilson Silva de Miranda (Orientador)²

RESUMO: O presente artigo busca compreender as linhas que permeiam a teoria dos afetos do filósofo holandês Benedictus de Spinoza, identificando conjuntamente a questão do corpo, visto que, os afetos se manifestam por meio das interações dos corpos. Desta forma, procuraremos apresentar essa teoria demonstrando como durante toda a nossa vida temos a capacidade de afetar e ser afetados ao nos relacionarmos com o mundo, as alterações que os nossos corpos sofrem ao ter essas relações denominadas de afecções, e como elas atingem positiva ou negativamente a nossa potência de existir, isto é, o esforço para continuar existindo. A metodologia deste trabalho consistirá, portanto, em uma pesquisa bibliográfica a partir da obra principal de Spinoza, a *Ética*, e de uma obra secundária do autor Marcos André Gleizer, *Espinosa & a afetividade humana*. Seguindo este caminho, outro importante trabalho a ser mencionado na referida pesquisa (também de autoria do filósofo holandês) é o *Tratado da Reforma do Intelecto (TIE)*, trabalho inacabado, porém de grande importância, ainda mais por caracterizar-se como uma introdução à sua obra magna, a *Ética*. Essa pesquisa tem por objetivo investigar como essas alterações recaem sobre o nosso corpo, ficando sujeitos a agir no mundo de maneira adequada ou padeceremos de forma inadequada. Assim sendo, buscaremos refletir a partir da contribuição teórica desse autor, sobre a compreensão da afetividade humana, analisando as variações que sofreremos ao longo da vida, bem como a sua influência na variação de aumento ou diminuição da nossa potência, e ainda, como alcançar uma natureza humana potente.

Palavras-chave: Deus. Natureza. Afetos. Conatus.

ABSTRACT: This article seeks to understand the lines that permeate the human affective theory of the Dutch philosopher Benedictus de Spinoza, jointly identifying the question of the body, since affects are manifested through the interactions of bodies. In this way, we will try to present this theory, demonstrating how throughout our lives we have the ability to affect and be affected when we relate to the world, the changes that our bodies undergo when having these relationships called affections, and how they positively or negatively affect our power to exist, that is, the effort to continue existing. The methodology of this work will consist, therefore, of a descriptive analytical bibliographic research based on Spinoza's main work, the Ethics, and a secondary work by the author Marcos André Gleizer, *Spinoza & Human Affectivity*. Following this path, another important work to be mentioned in the aforementioned research (also authored by the Dutch philosopher) is the TIE (Treatise on the Reform of the Intellect), an unfinished work, but of paramount importance, even more so because it is characterized as an introduction to the magnum opus *Ética*. This research aims to investigate how these changes affect our body, making them subject to acting in the world appropriately or

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo. Integrante do Grupo de Estudos NEO-BIO (CAPES). E-mail: maria.eft@discente.ufma.br

² Professor do Curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Coordenador do Grupo de pesquisa NEO-BIO: ontologia, corpo e biopolítica (CNPQ); atualmente coordenador do GT Benedictus de Spinoza (ANPOF); professor permanente do Mestrado em Filosofia do Departamento de Filosofia (PPGFil-UFMA). E-mail: wandeilson.miranda@ufma.br

suffering inappropriately. Therefore, we will seek to reflect from the theoretical contribution of this author, on the understanding of human affectivity, analyzing the variations that we suffer throughout life, as well as its influence on the variation of increase or decrease of our power, and also, how to achieve a potent human nature.

Keywords: God. Nature. Affections. Conatus.

1. INTRODUÇÃO

O filósofo Benedictus de Spinoza³, dedicou-se a compreender diversos temas, dentre eles a questão da natureza, na qual em sua reflexão filosófica tem uma conexão com Deus (panteísmo), a relação mente-corpo, política, religião e os afetos⁴ (temática central desta pesquisa), bem como a natureza humana, em que buscou compreender as fragilidades e vulnerabilidade existentes nela. A partir disso, o autor trabalhou esses temas de forma profunda em boa parte de suas obras, principalmente em sua obra magna *Ética*, na qual revelou o seu interesse ético-ontológico, o qual permeia a totalidade de seu pensamento.

Em uma outra de suas obras, o *Tratado da reforma do entendimento*⁵ (um de seus primeiros tratados), Spinoza expõe a ideia de um bem supremo, e ao longo do seu trabalho ele diz consistir esse bem supremo na verdadeira sabedoria de conhecer a unidade da mente, ou seja, compreender a unidade e a totalidade das coisas: “Conhecer exatamente

³ “De forma resumida, pode-se dizer que Baruch Spinoza (1632–1677) que, em português, se traduz por Benedito ou Bento de Espinosa, segundo grafia preferencialmente adotada por biógrafos de língua portuguesa, foi um filósofo nascido na Holanda de pais judeus portugueses, obrigados a abandonar Portugal pelo longo período de perseguições que se sucedeu ao mencionado édito de expulsão de D. Manoel I, ocorrido em 30 de novembro de 1496. [...] Sua biografia é realmente uma das mais fascinantes da História da Filosofia. Embora tivesse sido iniciado por seu pai no mundo dos negócios, tendo na infância as facilidades somente disponíveis às famílias mais abastadas, a pureza de sua alma levou-o posteriormente a recusar cargos e honrarias e a levar uma vida das mais frugais. [...] Em decorrência da forma radical com que sempre defendeu suas ideias, sem fazer concessões, morreu pobre como polidor de lentes, ofício este que o levou a contrair uma infecção pulmonar provocada provavelmente pelo pó de vidro que respirava horas a fio, e que seria a causa de sua morte precoce. [...] Spinoza foi um filósofo do mundo, mas também judeu, e, por sua vontade, jamais deixaria de sê-lo; se foi considerado um “mau judeu”, por alguns dirigentes da Talmud Torá, que acabaram por expulsá-lo da comunidade, isto se deveu à estreiteza de visão do judaísmo da época, e, particularmente, à clausura religiosa que estavam submetidos os sefaraditas portugueses, radicalmente reconvertidos ao judaísmo, avessos a qualquer secularização da cultura tradicional.” (PONCZEK, 2009, p. 51-55).

⁴ Na parte III da *Ética*, são apresentadas duas definições referentes ao conceito de afeto: uma logo no início, cujo afeto é ativo e passivo; já a outra aparece no final, e o afeto é somente passivo. Essa segunda definição, por ser uma definição geral dos afetos, trata apenas do aspecto passivo e mental dos afetos. Assim, vale destacar que nesta pesquisa, utilizamos a primeira definição, na qual o afeto é tanto passivo quanto ativo.

⁵ Um dos primeiros trabalhos de Spinoza, e o qual ficou inacabado.

nossa natureza, que desejamos levar à perfeição e, igualmente, conhecer a natureza das coisas tanto quanto for necessário”. (TIE, § 25). Seguindo essa linha de reflexão filosófica de Spinoza, percebe-se o quanto as ideias Deus e Natureza se confundem inteiramente em seu pensamento. Assim sendo, por Deus, Spinoza entende “[...] o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.” (EID5.) E como única substância, se desdobra e se expressa em infinitos modos.

Desse modo, a ideia de Deus e Natureza para Spinoza, é demonstrada tanto em seu livro o *Tratado da Reforma do Entendimento* quanto na primeira parte (*De Deo*) da *Ética*, já deixando evidente que o Deus ao qual ele se refere é um Deus imanente à Natureza⁶; e conhecer a Deus, significa conhecermos a nós mesmos como partes da Natureza. E o homem, no pensamento spinozano, é um modo de ser do universo, não podendo ser pensado de forma exterior a ele, mas como uma manifestação de Deus.

Além disso, seguindo o fio condutor de que o homem é uma manifestação do ente absolutamente infinito, e que sua teoria não se baseia de um modo geral, mas particular do ser; no que se refere a teoria da afetividade humana spinozana, ela consiste no princípio de que os afetos são coisas naturais, isto é, se constitui como uma função ética-ontológica, não sendo possível desse modo, exercer um poder absoluto sobre suas ações e paixões.

Sendo assim, ao contrário daqueles que escreveram sobre os afetos e a forma de viver dos homens, afirmando se tratar de coisas que são externas à Natureza, que se encontram fora dela, Spinoza afirma que essa crença no livre arbítrio torna possível que o homem não se imagine como integrante da Natureza, mas como exterior a ela, isto é, como se se estivessem separados. E isso não passa de uma ilusão, pois à medida em que os homens acreditam firmemente que são livres, penetram em uma falsa imaginação – a de possuírem o poder do sim e do não, na qual se imaginam fora da natureza.

Spinoza desenvolveu uma teoria da afetividade que se institui no conceito de *conatus*⁷, constituído na conexão da mente e do corpo, se expressando ao mesmo tempo como atributos diferentes. É, portanto, a essência atual de um corpo, o estado no qual se encontra. Na filosofia do autor, esse conceito é central, uma vez que, se trata de uma força ou esforço vital pelo qual cada indivíduo busca perseverar a sua existência e sua potência

⁶ Diferente da identificação de Deus para a tradição judaico-cristã (de um Deus transcendente e superior), o Deus de Spinoza é um Deus imanente, é a própria natureza e não pode ser visto como separado de todas as outras coisas.

⁷ “Cada coisa, o quanto está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser” (EIII P6).

de ser, agir e existir no mundo. Para isso, também se faz presente em seu pensamento o conceito de potência, visto que, é por meio das ações dos indivíduos que é determinado a potência de seu *conatus*, isto é, a busca do seu aumento para assim atingir a sua plena capacidade de agir no mundo. Assim, “[...] O *conatus* humano, portanto, não é apenas um princípio de autoconservação, mas também de auto expansão e realização de tudo o que está contido em sua essência singular.” (GLEIZER, 2005, p. 31) Trata-se muito além de conservar, expandir o nosso *conatus*, mas de perseverar em nosso próprio ser, visto que, à medida em que essa potência é elevada ou diminuída, reaja ou padeça, na mesma proporção a nossa mente sente essas variações, essas mudanças de estado.

Nesta pesquisa, será tratado, então, um estudo voltado à concepção do filósofo holandês, no que concerne a sua teoria da afetividade humana, desenvolvida em sua principal obra, a *Ética*. Esse tema será abordado de forma a perceber pelo seu aporte teórico, a sua concepção acerca dos afetos, demonstrando que ao longo de nossa vida, estamos sujeitos a agir ou padecer mediante encontros que fazem com que nossa potência de existir se eleve ou decaia, conseqüentemente afetando nossa existência. Deste modo, a partir da concepção spinozana dos afetos, será tratado neste artigo a força que os afetos têm sobre nós, com ênfase no fato de se tratar de algo natural e que pode nos atingir de forma positiva ou negativa; na potência do corpo, isto é, de como esses afetos atingem e somos atingidos estando em relação com outros corpos, uma vez que, somos seres de encontros e, ademais, será discorrido sobre como alcançar uma natureza humana mais potente.

2. Deus como Natureza Naturante

A grande tese do espinosismo fundamenta-se na ideia de que existe apenas uma substância no universo. Para Spinoza, os conceitos Deus, Natureza e Substância, apesar de possuírem significados diferentes, se referem à mesma coisa, contrariando às demais definições⁸, que além de fazer a distinção e separação entre Deus e as criaturas, o define como um juiz, legislador e julgador que decide o destino de cada um. De acordo com

⁸ Em sua filosofia primeira, Aristóteles desenvolve a partir de algumas categorias, a sua teoria do “ser enquanto ser”, à qual funda-se na distinção do finito e infinito, perfeito e imperfeito ou ainda, acidental e substancial. Essas categorias foram apropriadas pela tradição cristã, que ampliou esses problemas e atribuiu caráter teológico, o que contribuiu para definição e separação de Deus e criatura. Spinoza se utiliza desses mesmos conceitos aristotélicos, no entanto, a sua metafísica se distingue dos seus predecessores. Enquanto, na tradição aristotélica e escolástica, Deus e as criaturas não se encontram na mesma essência; em Spinoza, Deus e as criaturas dividem a mesma essência.

Deleuze (2002, p. 23), “nenhum filósofo foi mais digno do que Espinosa, mas também nenhum outro foi mais injuriado e odiado”⁹, isso devido às três acusações pelas quais foi acusado: materialismo, imoralismo e ateísmo. Entretanto, essas acusações não justificam necessariamente que Spinoza seja materialista, Imoralista e ateu.

A filosofia espinosista é baseada não em um novo modelo (o corpo), que seja superior a mente, mas Spinoza busca demonstrar que não há essa superioridade de um sobre o outro, afinal, são atributos da substância, que estão em união, mas se expressando de forma diferente: um em pensamento, outro em extensão. De acordo com JAQUET (2011, p. 60) “O corpo e a mente são uma só e mesma coisa que se explica de duas maneiras, seja em relação à extensão, seja em relação ao pensamento. Eles não interagem um sobre o outro, eles agem e padecem concertadamente.”

Em relação ao imoralismo, não é exatamente no sentido estreito da palavra imoral, mas sim porque em sua filosofia, Spinoza busca compreender, ao invés de julgar, não há as ideias bem e mal, perfeito e imperfeito, pecado e culpa, mas sim, mais perfeito e menos perfeito, isto é, ele ultrapassa o moralismo tão difundido na tradição cristã. E, por fim, por sua concepção de Deus ser tão diferente das tradições judaico-cristãs, do Deus superior e julgador, ele foi acusado de ateísmo.

Por se tratar de uma filosofia da imanência, cuja qual “Deus é causa imanente de todas as coisas, mas não transitiva” (EI, P18.), Deus não está separado do universo e das coisas, ele é a própria natureza, o próprio mundo. E desta forma, não pode ser entendido como exterior, mas interior a tudo que existe.

[...] Deus é imanente à Natureza, e o conhecimento de nossa união com ele nada mais é do que o conhecimento intelectual de nós mesmos como partes da Natureza, partes integralmente submetidas, como todas as outras, às leis causais necessárias que regem o comportamento das coisas naturais. (GLEIZER, 2005, p. 8)

⁹ Para melhor compreender a razão disso, não basta relembrar a grande tese teórica do espinosismo: há uma única substância que possui uma infinidade de atributos, Deus sive Natura, sendo todas as “criaturas” apenas modos desses atributos ou modificações dessa substância. Não basta também mostrar como o panteísmo e o ateísmo se conjugam nessa tese, negando a existência de um Deus moral, criador e transcendente. É preciso, antes de tudo, partir das teses práticas que fizeram do espinosismo um objeto de escândalo. Tais teses implicam uma tripla denúncia: da “consciência”, dos “valores” e das “paixões tristes”. (DELEUZE, 2002, p. 23)

Tudo que existe, existe na e pela Substância, isto é, Deus, e é exatamente essa ideia de imanência, e ainda, necessidade causal¹⁰, que demonstra a incompatibilidade com o livre-arbítrio, pois tudo segue as ordens comuns da Natureza, nada acontece fora dela.

A crença de que temos controle sobre nossas ações, permite com que nos imaginemos, como afirmou Spinoza, “como um império dentro de um império” (EIII, pref.), isto é, como se estivéssemos separados da Natureza, agindo de maneira exterior a ela e suas leis, o que é uma ilusão. Desta forma, “segue que o homem está sempre necessariamente submetido a paixões, segue a ordem comum da Natureza e a obedece, acomodando-se a ela tanto quanto exige a natureza das coisas.” (JAQUET, 2011, p. 62-63)

Por isso, muitos dos que se dedicaram a escrever sobre os afetos e a maneira de viver dos homens, trataram como se fossem coisas exteriores, que mais perturbam a Natureza, do que seguem às suas leis, sendo que, baseada na teoria dos afetos espinosana, as essências dos modos, ou seja, de todas as coisas finitas, participam do dinamismo causal de Deus, criando efeitos conforme seu grau de potência.¹¹ Diante disso:

Dada a tese da inteligibilidade integral do real, Espinosa sustenta que, assim como a definição genética da essência de uma coisa qualquer, não pode envolver nenhuma contradição interna, assim também os efeitos que se seguem exclusivamente da essência desta coisa não podem jamais conduzir à sua destruição (GLEIZER, 2005, p. 30)

Isto significa que, no que se refere à explicação de Spinoza a respeito dos afetos, não há possibilidade de autodestruição resultante da própria essência singular, pois essa esforçar-se para perseverar¹², no entanto, a causa da autodestruição é exterior. Pois, as coisas existem, não de forma isolada, porém, situadas no universo interagindo umas com as outras e favorecendo ou desfavorecendo a sua própria potência de agir.

Por estarem integradas à Natureza, a potência das coisas finitas, ao contrário da Substância, se empenha na forma de um esforço, o qual existe na essência de todas as coisas (materiais e mentais), esforçando-se para persistir no seu ser.

A união Mente-Corpo se determina por uma mente que possui uma potência de pensar, enquanto o corpo possui uma potência de agir. Os dois se expressando na mesma Substância infinita, só que em atributos diferentes. Somos, portanto, modificações dos

¹⁰ Pois, na reflexão filosófica do autor, tudo que acontece no universo, não é por acaso, mas possui uma causa. A substância é causa de si mesma, e sua essência envolve toda a existência, sendo tudo que existe uma manifestação dessa substância e seguindo suas leis naturais.

¹¹ Todas as coisas finitas são dotadas de potência de agir.

¹² Conatus, que no latim significa esforço.

atributos de Deus (Pensamento e Extensão), os quais se correspondem igualmente, não havendo superioridade de um sobre o outro. Assim, são ativos e passivos de igualmente em suas condições.

O que chega à Mente não é nada outro que as informações que o Corpo se apropria primeiramente ao encontro com outro corpo externo, isto é, o que é percebido pela Mente é o que se passa no Corpo. Pois, para que haja pensamento, é necessária uma força externa nos afetando, esse encontro pontual com o mundo permite com que a modificação que acontece no Corpo, aconteça também na Mente. Na perspectiva de Antônio Damásio:

As imagens que constituem a base da “corrente mental” são imagens de acontecimentos corporais, seja de acontecimentos que têm lugar na profundidade do corpo ou numa sonda especializada, próxima da superfície do corpo. O fundamento dessas imagens é uma série de mapas cerebrais, ou seja, uma coleção de padrões de atividade ou inatividade neural em certas regiões sensitivas. Esses mapas neurais representam, da forma mais abrangente possível, a estrutura e o estado do nosso corpo em todo e qualquer momento. (DAMÁSIO, 2004, p. 16)

Sendo assim, é desta forma que Spinoza define o primeiro gênero do conhecimento (a imaginação), visto que, a Mente só conhece o seu Corpo através das afecções, porém, este conhecimento é inadequado à medida em que as ideias que envolvem a Natureza de nosso Corpo, é também ideias do Corpo afetante. É por isso que não conhecemos adequadamente a essência do outro Corpo, pois conhecemos apenas os efeitos provocados sobre nós. Há uma mistura entre as ideias do Corpo exterior e o atual estado do nosso.

3. Os afetos na concepção spinozana

Quando se trata de afetos, grande parte dos que escreveram sobre isso¹³, pensaram consistir em algo que se encontra fora da natureza, tratando da afetividade humana como uma coisa a ser controlada ou até mesmo ignorada, como se o homem possuísse uma força absoluta sobre os afetos e os acontecimentos que ocorrem em sua vida. E é em relação a esta crença de escolher entre o sim e do não, sobre as ações e

¹³ Desde Platão, os afetos foram entendidos como algo que deveria ser corrigido pela razão, isto é, a ser controlados por elas, pois se tratava de vícios que só levariam ao fracasso. Com o filósofo René Descartes foi estabelecida uma separação entre mente e corpo (dualismo), que entendia que a racionalidade tinha um poder absoluto sobre o corpo, como também, sobre as paixões e os afetos.

paixões, ou seja, a crença no livre arbítrio; que há uma crítica spinozista à tradicional noção moralista sobre as paixões – que entende o homem como uma força que possui absoluta autonomia e que produz suas próprias leis, ou seja, segundo a lei do livre arbítrio e da razão como faculdade absoluta da ética, o homem poderia impor sua vontade contrariando assim, as leis da natureza. Eles “[...] creem que o homem mais perturba do que segue a ordem da natureza, que possui potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nenhum outro que ele próprio”. (EIII, Pref.)

Essa separação entre nossos afetos e a Natureza, permite nos encarar como exteriores a ela, o que justifica o porquê “da maior parte dos que escreveram sobre os afetos e a maneira de viver dos homens parecem ter tratado não de coisas naturais, mas de coisas que estão fora da natureza.” (Gleizer, 1961, p. 9). Sendo assim, muitos foram os que se dedicaram a este tema, no entanto, segundo Spinoza, não determinaram a força dos afetos e o que pode a mente para moderá-los.

Descartes, como um filósofo dualista, embora também acreditasse que a racionalidade possuía uma potência absoluta sobre os afetos, era defensor de uma nova perspectiva acerca da afetividade do homem, ainda que se encontrasse preso à antiga convicção moral, baseada nos preceitos do estoicismo¹⁴. Contrapondo-se às velhas formas morais, Spinoza abandona radicalmente ideias como a transcendência e o domínio racional sobre o desejo. Trata-se desse abandono ao discurso moral, e ceder lugar a uma ética dos afetos.

Porém, eis minha razão: nada acontece na natureza que passa ser atribuído a um vício dela; pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma em toda parte é sua virtude e potência de agir; isto é, as leis e regras da natureza, segundo as quais todas as coisas acontecem e mudam de uma forma em outra, são em toda parte e sempre as mesmas, e portanto uma só e a mesma deve ser também a maneira de entender a natureza de qualquer coisa, a saber, por meio das leis e regras universais da natureza. (EIII, pref.)

Spinoza busca, demonstrar que os afetos, mais que qualquer outra coisa, é digno de entendimento. E como tal, não deve ser ridicularizado. Com isso, procura desenvolver um projeto no qual é necessário entender os afetos para melhor se utilizar deles, de maneira a tornarmos-nos mais potentes, agir positivamente. Através de sua *Ética*, ele objetiva transformar os afetos passivos (paixões), ou seja, quando não somos a causa dos

¹⁴ Doutrina filosófica que se fundamentava na ideia de que a virtude se daria por meio da razão - e que esta seria a base para alcançar a felicidade. Ademais, a vontade de exercer controle absoluto sobre as paixões era outro dos principais elementos dessa filosofia.

nossos afetos, e assim acabamos correndo o risco de sermos afetados positivamente ou negativamente, em afetos ativos (ações), quando há o esforço do corpo em aumentar a sua potência de sentir, para igualmente elevar a potência de pensar e existir¹⁵, assim resultando em ações alegres. Afinal, temos em nossa própria essência uma inclinação para viver uma vida mais potente, ou melhor, o esforço para ser mais capaz e mais alegre. No entanto, não podemos apenas desejar isso, mas existir, de fato. O conatus é essa força que se expressa em ações. E a mente estabelece uma função muito importante neste movimento, a de orientação para melhores direções. Para isso, ela busca compreender como isso pode ocorrer da melhor forma possível, quais as melhores relações.

Segundo o filósofo holandês, “o homem consta de Mente e Corpo, e que o Corpo humano existe tal como o sentimos.” (EII, P13 Cor.) Isto significa que, o corpo é existente em ato, e como tal, busca a todo momento, ser, agir e viver, de fato. Além disso:

Com efeito, se o Corpo não fosse o objeto da Mente humana, as ideias das afecções do Corpo não seriam em Deus (pelo Corol. da Prop. 9 desta parte) enquanto constituísse a nossa Mente, mas enquanto constituísse a mente de uma outra coisa, isto é (pelo Corol. da Prop. II desta parte), as ideias das afecções do Corpo não seriam em nossa Mente. Ora (pelo Axioma 4 desta parte), temos as ideias das afecções do corpo; portanto, o objeto da ideia que constitui a Mente humana é o Corpo, e este (pela Prop. II desta parte) é existente em ato. Ademais, se além do Corpo houvesse também um outro objeto da Mente, visto que não existe nada (pela Prop. 36 da parte x) de que não siga algum efeito, então em nossa mente deveria dar-se necessariamente (pela Prop. 12 desta parte) uma ideia de algum efeito dele. Ora (pelo Axiomas desta parte), nenhuma ideia dele é dada. Logo, o objeto da nossa Mente é o Corpo existente, e nada outro. C. Q. D. (EII, P13Dem.)

Com isso, conclui-se que o corpo humano, como objeto da ideia que constitui a mente humana, tem o poder de afetar e ser afetado ao se relacionar com outros corpos e com o mundo, e quando isso ocorre, a sua potência pode ser atingida de forma positiva ou negativa. Mente e Corpo se encontram unidos, e para compreender a mente de maneira adequada, primeiramente, é necessário entender o Corpo, por meio do qual as relações acontecem. Desse modo, a filosofia de Spinoza objetivava transformar as paixões em ações, havendo o esforço do corpo em aumentar a sua potência de agir, assim transformando em ações alegres.

Trata-se de uma filosofia particular, que em sua totalidade desenvolve a teoria da afetividade humana, e esta se relaciona direta e inteiramente com a Natureza, uma vez

¹⁵ Pois mente e corpo, estando conectadas, possibilitam cada vez mais a aproximação com Deus.

que seguem uma mesma linha, a de imanência¹⁶. Em sua obra TIE, Spinoza relata sua experiência de desilusão com a busca dos bens mundanos como bens últimos da existência humana, isto é, fins últimos a serem alcançados. A partir disso, ele se lança à procura de um “bem supremo”.

Vendo, pois, que estas coisas *todas* me impediam de empreender algum *novo* propósito de vida e, não só isto, até lhe eram contrárias, de modo que era necessário privar-me de uma coisa ou das outras, fui obrigado a perguntar-me o que era o mais útil. Naturalmente, como disse, parecia com isso estar disposto a deixar o certo pelo incerto. Mas, depois de demorar um pouquinho mais no assunto, descobri, primeiramente, que, se abandonando aquelas coisas me cingisse ao *novo* propósito de vida, estaria deixando um bem incerto de sua natureza, como claramente podemos verificar pelo que ficou dito, por um outro incerto também, não, todavia de sua natureza (pois que procurava um bem imutável) mas só quanto à possibilidade de alcançá-lo. (Spinoza, TIE § 87, grifo nosso.)

Esse bem supremo, consistiria, segundo Spinoza, no conhecimento de nós mesmos com a natureza inteira, isto é, com Deus. E é justamente por meio desse verdadeiro conhecimento de nós mesmos, que nos une a Deus e todas as coisas. Entretanto, isso não significa o abandono total e mortificação dos desejos e paixões, mas o contrário disso.

Não se deve pensar, no entanto, que a desilusão com o valor dos bens mundanos e a busca da beatitude pelo conhecimento de Deus signifiquem a adoção de um ideal de vida ascética dedicada à mortificação dos desejos, à erradicação das paixões, à denúncia de sua origem em algum vício da natureza humana e à adoração temerosa de um Deus transcendente que nos recompensará no além por nossos sacrifícios. É exatamente contra este tipo de ideal, contra o imaginário metafísico-moral a ele vinculado e a postura moralizadora que ele engendra em relação à afetividade, que se levanta o espaço conceitual teórico e prático construído na *Ética*. (GLEIZER, 2005, p. 8)

A relação, ou melhor, a identificação entre Deus e Natureza, que é demonstrada no Tratado da Reforma da Inteligência e na primeira parte da de sua obra *Ética*, já indica que:

[...] o Deus de Espinosa em nada se confunde com o Deus transcendente, pessoal e criador da tradição judaico-cristã. Seu Deus é imanente à Natureza, e o conhecimento de nossa união com ele nada mais é do que o conhecimento intelectual de nós mesmos como partes da Natureza, partes integralmente submetidas, como todas as outras, às leis causais necessárias que regem o

¹⁶ Na filosofia do autor holandês, destaca-se a sua importante tese teórica, “Deus sive Natura”, a de que existe uma única substância, constituída de infinitos atributos (mas que conhecemos apenas dois: pensamento e extensão); e sendo assim, não podem ser entendidas separadas, mas em união. Então, do mesmo modo em que não há esse dualismo em sua filosofia, tudo na e da natureza é imanente a substância única que é Deus, e, portanto, todos os outros seres são modos ou modificações dele.

comportamento das coisas naturais. (GLEIZER, 2005, p. 8)

Deste modo, Deus é imanente à Natureza, e assim sendo, o conhecimento da nossa união com ele, é um conhecimento com nós mesmos como integrantes completos da Natureza, e submetidos às suas leis. Levando em conta a crença no livre-arbítrio e a universalização da necessidade causal, percebe-se a incompatibilidade entre eles, pois é essa imaginação de “ser livre”, que faz com que os homens acreditem ser possuidores de um poder absoluto sobre suas ações e paixões, fazendo com que eles mesmos se imaginem na Natureza, não como parte dessa Natureza, mas que estão fora dela. Dessa maneira:

A ruptura com o preconceito voluntarista, com a crença de que o sujeito é senhor absoluto de suas determinações, acarretará na *Ética* a substituição da postura moralista pela do cientista natural e tornará possível a elaboração de uma autêntica ciência da afetividade humana. (GLEIZER, 2005, p. 10)

Pois, os afetos possuem causas determinadas e efeitos necessários quanto qualquer outra coisa natural. E na sua obra magna se entende que só o conhecimento verdadeiro das causas dos mecanismos dos afetos, possibilita alcançar uma técnica na qual seja possível moderar as paixões e minimizar os efeitos consideravelmente obsessivos que provocam a experiência de desilusão à qual Spinoza se refere.

Assim, pois, os Afetos de ódio, ira, inveja *etc.*, considerados em si mesmos, seguem da mesma necessidade e virtude da natureza que as demais coisas singulares, e admitem, portanto, causas certas pelas quais são entendidos, e possuem propriedades certas, tão dignas de nosso conhecimento quanto as propriedades de qualquer outra coisa cuja contemplação nos deleita. (EIII, Pref.)

Assim, na terceira parte da *Ética*, Spinoza busca enfatizar “A natureza e força dos Afetos” e da potência da Mente sobre eles com o mesmo Método com que tratou de Deus e da Mente em suas primeiras linhas da obra.

Ademais, seguindo a percepção de que somente por meio do conhecimento racional sobre nós mesmos, Natureza e Deus, além disso, compreender a potência da dimensão afetiva, permite transformar a nossa vida e direcionar a gozar dos afetos ativos que constituem o centro dos afetos, assim, buscando a felicidade, bem como, atingindo o contentamento interior e o amor intelectual por Deus.

Toda a teoria dos afetos é entendida a partir da potência que a mente exerce sobre eles, ou seja, o que ela pode para moderá-los. E aqueles que preferem amaldiçoar ou

ridicularizar os afetos, ao invés de buscar entendê-los, esses de acordo com Spinoza, “hão de admirar que me proponho a tratar dos vícios e inépcias dos homens à maneira Geométrica e queira demonstrar com uma razão certa aquilo que reiteradamente proclamam ser contrário à razão, vão, absurdo e horrendo.” (EIII, Pref.), dado que, “nada acontece na natureza que possa ser atribuído a um vício dela; pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma em toda parte é sua virtude e potência de agir...” (EIII, pref.). Diante disso, o filósofo holandês busca evidenciar que as leis e regras da natureza, às quais tudo se segue, são sempre as mesmas, mudam de uma forma em outra, mas permanecem uma só e, portanto, “uma só e a mesma deve ser também a maneira de entender a natureza de qualquer coisa.” (EIII, pref.).

Levando-se em conta que os afetos são as afecções¹⁷ do corpo interagindo com outros corpos, na qual sua potência de agir é favorecida ou coibida, pode-se levar em consideração que “[...] se podemos ser a causa adequada de alguma destas afecções, então por afeto entendo ação; caso contrário, paixão.” (EII, D3.) Isto porque:

O corpo humano, segundo a física de Espinosa, é um indivíduo extremamente complexo, sendo composto de vários corpos, cada um dos quais também muito composto. Graças a essa complexidade, ele é apto a afetar e a ser afetado de diversas maneiras pelos corpos exteriores, sendo capaz de reter essas afecções, isto é, as modificações nele causadas por essas interações. (GLEIZER, 2005, p. 22)

E em relação às paixões:

[...] as paixões ou sentimentos de dor irrompem na mente, ora porque raramente podemos ser a causa única e completa (adequada) de nossas ações, ora pelo desconhecimento das causas das coisas que cercam nosso corpo. Enquanto o homem “seguir a sua própria natureza” aceitará a finitude de sua existência e de seu raio de ação, e saberá que os demais modos, assim como ele próprio, são manifestações de uma natureza infinita, causa de si própria. Por outro lado, se ele imaginar (quiser) que todos os demais modos não sejam nada senão efeitos de si próprio, então padecerá de paixões tão mais intensas quanto forem as ideias (inadequadas) associadas a esses corpos externos que visa inutilmente modificar. (PONCZEK, 2009, p. 93)

Assim, as ideias da mente humana podem ser adequadas ou mutiladas e confusas, como demonstrado na parte três da Ética, “nossa Mente age em algumas coisas e padece outras; a saber, enquanto tem ideias adequadas, nesta medida necessariamente

¹⁷ As afecções são definidas por Spinoza, simultaneamente com “modo” na definição 5 da primeira parte, a qual “por modo entendo afecções da substância, ou seja, aquilo que é em outro, pelo qual também é concebido.” (EI, def. 5).

age em algumas coisas, e enquanto tem ideias inadequadas, nesta medida necessariamente padece outras” (EII, *PI*).

O neurologista Antônio Damásio, em seu livro “O erro de Descartes”, destaca a relação entre emoção e razão, mostrando que as emoções são indispensáveis para a vida racional, o que se encontra em conformidade com o pensamento de Spinoza, uma vez que, somos seres afetivos, nossa essência é o desejo. Ele aponta que o nosso comportamento emocional não está restringido ao cérebro, mas que há uma interação com o corpo, são as próprias percepções do Corpo.

Praticamente todas as partes do corpo — cada músculo, articulação ou órgão interno — podem enviar sinais para o cérebro através dos nervos periféricos. Esses sinais entram no cérebro no nível da medula espinal ou do tronco cerebral e são transportados para seu interior, de estação neural em estação neural, até os córtices somatossensoriais no lobo parietal e na região insular. (DAMÁSIO, 2012, p. 106)

Trata-se da conexão dos dois atributos, uma vez que, manifestam-se de formas diferentes, entretanto, são um só, e dessa forma, se comunicam por meio das interações que acontecem fora do corpo. Essa conexão se dá pelos afetos.

Aquilo que é representado no corpo é construído de novo, momento a momento, e não uma réplica exata de algo que sucedeu antes. Suspeito de que o cérebro não prevê os estados do corpo com rigor algorítmico, mas sim que o cérebro fica aguardando que o corpo lhe comunique o que realmente sucedeu. (DAMÁSIO, 2012, p. 176)

Apesar da Mente receber atualizações do estado atual do corpo, não consegue captar de maneira adequada tudo que se passa do lado de fora. É necessário o conhecimento claro das causas dos afetos e suas interações para encontrar a melhor maneira de atingir o grau elevado da potência.

Se uma emoção é um conjunto das alterações no estado do corpo associadas a certas imagens mentais que ativaram um sistema cerebral específico, a essência do sentir de uma emoção é a experiência dessas alterações em justaposição com as imagens mentais que iniciaram o ciclo. Em outras palavras, um sentimento depende da justaposição de uma imagem do corpo propriamente dito com uma imagem de alguma outra coisa, tal como a imagem visual de um rosto ou a auditiva de uma melodia. (DAMÁSIO, 2012, p. 162)

A emoção acontece na transição do estado do corpo. A troca de interação com outros objetos materiais formam imagens na mente. Essas imagens que chegam dependem, portanto, de como o corpo está imerso no encontro atual.

É em relação a esse ponto, que o neurologista aponta alguns “erros” de Descartes, em especial, a separação entre Mente e Corpo que o filósofo tanto trata. Portanto, o que se passa na Mente são operações que também se passam no Corpo, e vice-versa.

3.1 Os afetos primitivos do sistema afetivo

Spinoza destaca os três afetos originários ou primitivos: o desejo, a alegria e a tristeza, e que desses três afetos se originam outros dois: amor e ódio (afetos secundários). Primitivos não porque remetem ao passado, mas por todos os outros derivarem deles, ou seja, o que somos e a partir do que nos originamos. E quando se fala em originar-se o que se pretende dizer é que estamos envolvidos pelo viver, ou seja, que não podemos existir sem que estejamos envolvidos pela existência. Desejo, alegria e tristeza são o existir, sendo a alegria uma passagem a uma perfeição maior e a tristeza, a uma perfeição menor.

Spinoza pretende montar um sistema genético dos afetos, e para isso demonstra a conexão entre eles e suas ideias¹⁸. A perfeição é o desejo, o existir, não sendo dessa forma, algo exterior a se desejar, e sim a própria origem do desejo, pois este é um modo de ser se manifestando de infinitas maneiras. Determinando os afetos da tristeza e da alegria, o filósofo holandês afirma ser o primeiro um afeto que acompanha o desejo e se origina de algo externo que envolve o desejo, e não necessariamente surgindo do desejo mesmo, pois pode ser sentida mesmo sem a presença do que a causou, se mantendo na diminuição do desejo, sendo a passagem a essa diminuição e não o próprio estado da alma. Ele demonstra isso na preposição que afirma que, ”a Mente, o quanto pode, esforça-se para imaginar coisas que aumentam ou favorecem a potência de agir do Corpo” (EIII,

¹⁸ Com efeito, por seu conteúdo representacional as idéias referem-se a objetos, o que permitirá que seu aspecto afetivo se projete sobre eles. É exatamente o elemento cognitivo presente nos afetos derivados que explica a conexão entre eles e seus objetos, pois o objeto sobre o qual um afeto investe é o da crença espontaneamente envolvida em seu conteúdo cognitivo. É esse conteúdo que abre a possibilidade para uma certa forma de terapia cognitiva, proposta na *Ética v*, na qual a alteração do elemento cognitivo acarretará a transformação do afeto derivado. Ora, toda a passividade mental, como vimos, está essencialmente conectada com as idéias imaginativas. (GLEIZER, 2005, p. 40)

P12.), ou seja, o que aumenta nossa potência é a alegria; aquilo que a Mente se esforça para imaginar e que nos alegra.

No que se refere à tristeza, “a Mente imagina coisas que diminuem ou coíbem a potência de agir do Corpo, esforça-se, o quanto pode, para recordar coisas que excluem a existência daquelas” (EII, P13). Assim, a partir disso, Spinoza conclui o que sejam amor e ódio:

A saber, o amor é nada outro que a Alegria conjuntamente à ideia de causa externa, e o Ódio é nada outro que a Tristeza conjuntamente à ideia de causa externa. Em seguida, vemos que aquele que ama esforça-se necessariamente para ter presente e conservar a coisa que ama; e, inversamente, aquele que odeia esforça-se para afastar e destruir a coisa de que tem ódio. (EIII, P13 Sch.)

É somente a partir da compreensão da tristeza, que conseguimos vencê-la. Quanto a alegria, ela é a passagem a uma perfeição maior, porém, não a própria perfeição. Trata-se sempre de um aumento ou diminuição do desejo, que explica os pares alegria e tristeza, ódio e amor.

Por nascerem do encontro do desejo com coisas externas, a alegria e a tristeza são paixões que se caracterizam como alegres ou tristes. Nesse sentido, o amor e o ódio são, respectivamente, imaginações que a alegria e a tristeza têm por algo externo. Tanto um quanto outro, por mais que sejam imaginações, podem levar a ações. Isso porque não se trata, necessariamente, de agir, mas reagir, pois, a ação é levada pelo que se imagina, e não pelo que se compreende. De acordo com António Damásio:

Os sentimentos permitem-nos vislumbrar o que se passa na nossa carne, no momento em que a imagem desse estado se justapõe às imagens de outros objetos e situações; ao fazê-lo, os sentimentos alteram a noção que temos desses outros objetos e situações. Em virtude da justaposição, as imagens do corpo conferem às outras imagens uma determinada qualidade positiva ou negativa, de prazer ou de dor. (DAMÁSIO, 2012, p. 177)

Partindo dessa noção, é demonstrado que na terceira parte da *Ética*, Spinoza trata dos três afetos (desejo, alegria e tristeza) incluindo os outros dois (o ódio e o amor). A partir disso, o autor coloca que assim como esses afetos totalizam um número ímpar, cinco também são ao todo as partes que compõem a *Ética*. Tendo como tema da primeira parte Deus, da segunda o intelecto, da terceira o Desejo, da quarta o ódio (ele é o quarto dos afetos), e da Quinta Parte é o amor; explicando que este último não está classificado

como um último fim, mas sim, envolvendo¹⁹ as demais. Á vista disso, imaginação e envolver não se encontram muito distantes, visto que a imaginação envolve aquilo que imagina, ou seja, a imagem. Sendo assim, a imaginação é um envolver primeiro de nós mesmos, um voltar-se para fora, mas não no sentido simples de somente "ir para fora", e sim com um retorno, um envolver-se e ser envolvido pelo que estar constituindo.

4. Conatus: um esforço em perseverar

A teoria da afetividade humana espinosista é envolvida por um conceito que conecta corpo e mente (que se expressam simultaneamente como atributos diferentes, mas que estão em conformidade), o de conatus. Apesar de não sermos seres infinitos como a Substância, temos a capacidade de perseverar em nosso ser, ou melhor, agir no mundo, pois existir é justamente afetar e ser afetado pelos encontros da vida. Assim:

[...] as essências de todas as coisas finitas participam do dinamismo causal da substância divina produzindo efeitos em conformidade com seu grau de potência. Isto significa que todas as coisas são dotadas de uma potência de agir. (GLEIZER, 2005, p. 29-30)

O conceito de conatus juntamente com a ideia de Deus, evidencia a totalidade da reflexão filosófica realizada por Spinoza na ética. Isto porque, Deus, além de ser causa de si mesmo, é ainda causa de tudo que existe, e sendo assim, nós, apesar de não sermos causa de nós mesmos, existimos em Deus, somos uma parte de sua potência infinita. Logo, enquanto estamos em nós mesmos, nos esforçamos para perseverar em nosso ser, ou seja, permanecer em nosso ser o quanto pudermos (assim como todas as outras coisas)²⁰. Por esta razão, de acordo com Gleizer (2005) “nenhuma coisa pode ser destruída, a não ser por uma causa exterior”. Isso implica dizer que, não temos em nós nenhuma coisa que nos impulse a autodestruição, nosso conatus está e é, movimento, ele expande-se e tem em sua essência singular a motivação para a realização de todas as

¹⁹ O conceito de envolver é uma ideia-ação que foi buscada no próprio Spinoza, no qual afirma que Deus é causa de si e que sua essência evolui a existência.

²⁰ Porém, “permanecer no Ser” não significa manter-se no mesmo estado, mas sim continuar perseverando em si mesmo. Afinal, por sermos seres de encontros, a todo momento estamos interagindo com o mundo.

coisas; no entanto, ao nos relacionarmos com as outras coisas finitas, vivenciamos momentos que podem proporcionar bons ou maus encontros, relações que compõem ou decompõem o nosso corpo.

O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e, com toda ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. Por exemplo, um alimento. O mau para nós existe quando um corpo decompõe a relação do nosso, ainda que se componha com as nossas partes, mas sob outras relações que aquelas que correspondem a nossa essência: por exemplo, como um veneno que decompõe o sangue. (DELEUZE, 2002, p. 28)

Posto isto, é evidente que, para Spinoza, o bom e o mau consistem no que convém ou não convém à nossa natureza, o que favorece a uma maior potência ou menor potência de agir no mundo. Ainda, em um segundo sentido dos dois termos, em relação aos modos existentes humanos, o bom é aquele que organiza os encontros, para assim favorecer a sua potência; já o mau, é aquele que é escravo dos acasos, ficando sujeito às consequências desses encontros.

É mediante esses encontros da vida, que as afecções atingem de maneira positiva ou negativa nossa existência. É por meio deles que nossa potência oscila, aumentando ou diminuindo nossa alegria ou tristeza. O afeto é, então, o responsável por impulsionar ou refrear a potência de um corpo (o que caracteriza o termo *conatus*).

Segundo o filósofo holandês, “a mente humana é apta a perceber muitíssimas coisas, e é tão mais apta quanto mais pode ser disposto o seu corpo de múltiplas maneiras” (EII, P14). Isto significa que, quanto mais o corpo humano interage com outros corpos, quanto mais ele é afetado de várias maneiras, do mesmo modo afeta de múltiplas formas os corpos exteriores. Da mesma maneira, a mente humana é capaz de perceber muitas coisas, tanto seu corpo ao ser afetado quanto os outros corpos que o envolvem.

“[...] quanto mais um Corpo é mais apto do que outros para fazer [agir] ou padecer muitas coisas simultaneamente, tanto mais a sua Mente é mais apta do que outras para perceber muitas coisas simultaneamente; e quanto mais as ações de um corpo dependem somente dele próprio, e quanto menos outros corpos concorrem com ele para agir, tanto mais apta é a sua mente para entender distintamente.” (EISch13)

À vista disso, Spinoza afirma que a mente se apropria de um entendimento acerca do seu corpo por meio das variações que acontecem por causa das interações com as coisas ao seu redor. Essas relações de corpos com outros corpos, implicam ao mesmo

tempo, de acordo com Deleuze (2002, p. 42) a decomposição de algumas relações e composição de outras.

Os afetos, como afirma Spinoza na *Ética* III, são uma passagem de um estado perfeito para outro. Não se trata de uma experiência intelectual, apesar de formarmos ideias sobre o que se acontece. Afinal, os corpos se encontram em um campo de forças no qual há variações dessas forças. Dito isto, o conhecimento parte de um corpo que participa da dinâmica natural do mundo, um corpo que integra a natureza, que sente, que afeta e é afetado por outros corpos.

E desta forma, como corpo e mente são um só, ao se conectar com o mundo à sua volta, a mente é capaz de perceber as coisas, do mesmo modo que o corpo se torna ainda mais capaz de agir no mundo. As ideias que a mente tem sobre o que se passa por meio do nosso corpo, demonstram a variação do nosso conatus. Isto é, ela observa o corpo em ato e se apropria desse conhecimento afetivo. É desta forma que, Spinoza nos motiva a ampliar as possibilidades de encontros, pois é através destas relações que (re)aprendemos e (re)descobrimos as alegrias, visto que, o conhecimento é o mais potente dos afetos, ou seja, “tudo se liga, portanto, à potência do entendimento.” (JAQUET, 2011, p. 63)

Estamos a todo momento realizando um esforço em busca de melhores relações, encontros que potencializem nossa maneira de agir, no entanto, muitas vezes ficamos na passividade, à mercê dos acasos. E Spinoza aponta que é preciso sair das paixões e ser capaz de agir mais, existir em ato; já que, nas paixões somos causa inadequada, os encontros que se operam em nós têm maior força advinda de fora. O que é contrário à ação, que parte do nosso próprio conatus, visando a alegria, ou melhor, “quanto mais cada coisa tem mais perfeição, tanto mais age e menos padece, e, ao contrário, quanto mais age, tanto mais é perfeita” (EV, P40).

A *Ética* realiza justamente essa reflexão. De conhecimento e apropriação de nossos afetos. Para isso, é necessário refletirmos sobre nossa essência e ampliar ainda mais nossa potência. Trata-se de imergir na ação e produzir ativamente afetos, pois eles fazem parte das coisas que mais merecem nossa atenção e compreensão. Eles são o caminho para podermos pensar e agir melhor, e, além disso, estarmos mais próximos de Deus.

Não é exatamente um abandono das paixões, mas fazer com que elas ocupem uma parte mínima de nossa vida. É por isso que, não podemos chegar à sabedoria, sem passar pelas tristezas e alegrias. Só assim alcançaremos uma natureza humana potente.

5. Considerações finais

Baruch de Spinoza, a partir de sua filosofia da imanência, procurou demonstrar que Mente e Corpo não podem ser vistos como duas substâncias separadas, em que uma se sobressai sobre a outra, como algumas concepções que atravessaram longos séculos (a citar, Platão, Aristóteles, Descartes etc.) afirmaram. O filósofo rompe com essa ideia, e constata que no universo há somente uma Substância, e que ela é infinita, ou seja, Deus, o qual se desdobra em infinitos atributos, estando sobre o nosso conhecimento apenas dois: pensamento e extensão. Esses atributos possuem uma relação de igualdade, cada um se expressando à sua maneira; Corpo, de forma material, e Mente, de maneira mental. Eles fazem parte da única e mesma Substância, sendo também uma só coisa (monismo).

O Deus espinosista é a própria Natureza. Ele é a causa de todas as coisas existentes. É por esta razão que ele não está separado do mundo como um juiz decidindo o destino de cada ser vivo. Tudo provém dele e está nele, isto é, estamos em Deus, e por ele ser um ente absolutamente infinito, fazemos parte de sua natureza, e, portanto, não podemos pensar de forma externa a ela. Somos partes da relação entre os atributos infinitos e nos relacionamos com tudo a nossa volta mediante as suas leis. Nos expressamos na mesma coisa que Deus - nos atributos - eles são o elo com o divino.

Por sermos uma pequena parte da Natureza infinita, do todo, existimos e seguimos as leis causais necessárias que regem o mundo. O nosso conhecimento como partes integrantes dessa Natureza, permite entender o comportamento das coisas naturais. E que as essências de todos os modos (as coisas finitas) participam do dinamismo causal da Natureza divina, produzindo efeitos de acordo com seu grau de potência. Desta forma, cada coisa esforça-se para perseverar no próprio ser, ou seja, possui uma inclinação para manter sua essência atual. No entanto, as coisas finitas não existem isoladamente, pois estão a todo tempo interagindo com as demais no mundo. Essa interação entre os corpos, resulta no aumento ou diminuição da nossa potência de agir, na nossa alegria ou tristeza, visto que, os corpos se encontram imersos no mundo (cada um com seu grau de potência), podendo compor ou decompor, favorecer ou coibir. Por meio desses encontros os afetos se manifestam, pois são coisas naturais e fazem parte da natureza humana. É através deles que nosso conatus (ou seja, nosso esforço em perseverar) passa por variações. Eles são uma experiência vivenciada, na qual há uma passagem de um estado para outro. Por isso o conhecimento para Spinoza é tão fundamental, afinal, é o mais potente dos afetos.

O corpo está envolvido com o mundo, ele é capaz de afetar e ser afetado, ele sente os outros corpos ao seu redor, e a Mente, em conformidade com o Corpo, recebe as informações externas, criando ideias adequadas ou inadequadas dessas relações.

Spinoza, ao tratar dessa questão, evidencia, então, a importância do conhecimento para alcançar a liberdade. Já que vivemos boa parte da nossa existência submetidos às paixões (quando não somos a causa de nossos afetos), em que ficamos sujeitos aos acasos. Ele busca mostrar que, existir em ato, é justamente interagir com o mundo, mas conhecendo as causas do que afeta. Somente por meio desse conhecimento que é possível atingir um contentamento interno com si mesmo e a Natureza inteira.

É por esta razão que a *Ética* é uma obra tão inovadora, por propor uma ética dos afetos, cujos não podem ser dominados, ou mesmo afastados, mas sim, compreendidos adequadamente para viver uma vida mais preenchida de alegrias.

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**; adaptação para o português do Brasil Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, G. **Espinosa: Filosofia Prática**. Tradução D. Lins e F. P. Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa & a afetividade humana** — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PONCZEK, Roberto Leon. *Deus, ou seja, a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física* – Salvador: EDUFBA, 2009. 352 p.: il.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chaui. – 1. Ed., 2 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado da reforma da inteligência**; Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, 1966.